

OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DE RESISTIR OU NÃO À ESCRITA DE DIÁRIOS: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ATIVIDADE DE ESTUDO

Leila Adriana Baptaglin

Universidade Federal de Santa Maria – RS/Brasil

e-mail: leilaa251084@yahoo.com.br

Adriana Claudia Martins Fighera

Universidade Federal de Santa Maria – RS/Brasil.

e-mail: teacheradrianacm@hotmail.com

Gislaine A. R. da Silva Rosseto

Universidade Federal de Santa Maria – RS/Brasil

e-mail: silvarossetto@gmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada durante o curso de doutorado em educação das autoras. Consiste em um estudo qualitativo que teve como objetivo refletir acerca da possibilidade de pensar sobre e a partir dos diários de aula como atividade formativa. Com o intuito de promover um momento de pensar sobre o diário realizado ou não, sobre as atividades de estudo, buscamos olhar o relato de cada um dos participantes referente esta atividade. Os aspectos relevantes destacados nos relatos dos participantes explicitam o diário como uma escrita reflexiva das experiências, apresentando-se como um instrumento balizador da atividade de estudo. Numa dimensão conclusiva, percebemos que a escrita e as reflexões sobre os diários são distintos e configuram-se em um mote que, ao mobilizar a atividade de estudo, proporcionam a abertura do desenvolvimento profissional destes estudantes/professores.

Palavras-chave: Formação Docente. Diários Reflexivos. Atividade de Estudo. Narrativas. Autonomia.

THE SENSES AND MEANINGS OF RESISTING OR NOT TO WRITING DIARIES: TEACHER DEVELOPMENT AND STUDY ACTIVITY

ABSTRACT

This article is the result of a survey conducted during the authors' doctorate course in Education. It consists of a quality study that aimed at reflecting on the possibility of thinking about and from diaries as a daily development classroom activity. With the intention of promoting a moment to think about the diary when it was written or not considering the study activities, we seek to look at the report from each participant regarding this activity. Relevant aspects highlighted in the reports explain that the diary is a reflective writing of the experiences, presenting itself as a base instrument of the study activity. Finally we realized that writing and reflecting about diaries are different represent a motto that, by mobilizing the study activity, also provided the professional development of these students/participants.

Keywords: Teacher Education. Reflective Diaries. Narratives. Autonomy.

Introdução

A tessitura de diários contribui para que os professores se transformem em investigadores de suas próprias trajetórias como narradores e analistas críticos dos registros que elaboram (ZABALZA, 1994). O diário de aula é uma estratégia valorizada na formação de professores porque busca associar a atividade reflexiva à escrita e permite que se observem, com maior profundidade, os acontecimentos experienciados. Este artigo, não considera apenas os diários de aula¹ na sua tessitura, mas busca discuti-los a partir de uma oportunidade de escrita de diários.

É neste cenário que se insere o nosso estudo. O objetivo é mostrar como os estudantes/professores que participam desta pesquisa dialogam com o diário, considerando-o como uma escrita reflexiva das experiências. Entendemos que essa produção, posterior à atividade com diários, é uma possibilidade de interlocução enriquecedora capaz de potencializar reflexões que levam a tomada de consciência e a reelaboração dos conhecimentos e aprendizagens. É o que denominamos de autoavaliaçãoⁱⁱ, é quando o sujeito tem a possibilidade de rever seu processo de aprendizagem e de refazer seus caminhos (DAVÍDOV e MÁRKOVA, 1987).

A escrita do diário consiste numa ferramenta de aprender, uma descoberta e um desafio. É a possibilidade de fazer uma leitura mais aprofundada das vivências, dos sentimentos, ações e representações que se atravessam e entrecruzam-se no movimento contínuo da formação.

No que diz respeito ao caminho metodológico, destacamos que este é um estudo qualitativo com uma abordagem reflexiva e dialogada que tem como instrumento de coleta de dados a discussão a partir de diários. Vale destacar que a motivação para este texto começa durante nossa participação como estudantes de doutorado quando, desafiadas à escrita de diários, por vezes nos sentimos *mais ou menos* envolvidas com a tessitura de diários como um processo de atividade de estudo.

Assim, com a reflexão pós-escrita dos diários os participantes desta pesquisa, estudantes em nível de Pós-graduação em Educação, apresentaram-nos suas problematizações acerca de suas atividades de estudo no espaço da academia e da escola/universidade. Esses ficaram livres para registrar o que, como e da maneira que consideravam necessária a escrita, atribuindo os sentidos e significados pertinentes.

Desse modo, a partir da proposta de pensar sobre a atividade realizada ou não, os sujeitos explicitaram que a escrita de diários não foi envolvente com a mesma intensidade para todos eles. Portanto, consideramos relevante entender o porquê desta resistência, discutindo e problematizando essa questão com os participantes deste estudo.

Desta forma, dois tópicos guiaram nossa discussão e reflexão sobre a atividade de escrita de diários, trazendo aspectos relevantes e as possibilidades de refletir de cada um dos participantes. Assim, pautadas nas narrativas de quatro estudantes, questionamos acerca *da importância do diário na formação desses sujeitos e*

problematizamos acerca *dos significados e sentidos que são produzidos durante a atividade formativa.*

À medida que focávamos no discurso dos participantes, reconhecíamos que a interpretação do dito pelo outro permite que nos instiguemos a uma reflexão que também é pessoal. Ao narrarem, os estudantes apresentaram suas reflexões, opiniões e dúvidas. Essa prática reflexiva tem sido usada no contexto da formação de professores, na busca pela promoção de mudanças educacionais. É, desta forma, um confronto na direção da subjetividade, na reconstrução do passado, redefinindo o futuro e (re)significando a trajetória.

O uso das narrativas na construção da docência, trazendo os episódios mais marcantes das experiências pessoais e profissionais na busca de significados consiste em uma temática evocada por Telles (2002, p. 22), quando infere que ao usarmos este recurso há “um objetivo comum – o autoconhecimento pessoal e profissional”. Para esse mesmo autor, as narrativas são os “espaços para a criação de oportunidades para que professores e professoras recuperarem, reconstruírem e representarem os significados de suas experiências pessoais, pedagógicas e linguísticas” (TELLES, 2002, p. 16).

Inspiramo-nos nas formulações de Bakhtin (2010), quando infere que, na narrativa, o sujeito exprime a si mesmo, o que significa fazer de si um objeto para o outro e para si próprio. O discurso está interligado com a própria palavra e, para esse mesmo autor, esse discurso é metade nosso e metade do outro, numa compreensão dialógica da linguagem. Bakhtin (1986, p. 16) coloca-nos que a

[...] enunciação, compreendida com uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, porque cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e com estrutura sócio-ideológica.

Neste sentido, para Bakhtin (1986), cada enunciado precisa ser compreendido e não simplesmente decodificado. Esta questão

pressupõe toda uma compreensão em relação ao que é dito no social, em decorrência da concepção do homem como um ser histórico e social. Observamos que há uma relação com a VI Tese de Feuerbach de Marx, segundo a qual a essência humana está no conjunto das relações sociais.

Com base no diálogo e na interação, é que buscamos compreender os aspectos relevantes destacados nas narrativas investigadas, considerando a escrita reflexiva das experiências como aquela que transita por seus espaços sociais e culturais.

As vozes e os sentidos

Esta atividade reflexiva, a partir da construção ou não dos diários de aula, contribuiu para pensarmos sobre o que aconteceu no cotidiano da formação de professores. Desta forma, os estudantes explicitaram, não somente como foram se construindo profissionalmente, mas também como esse movimento construtivo e dialogado da narrativa possibilitou a tomada de consciência das atitudes e ações, inclusive reconhecendo a própria ausência nas atividades de estudoⁱⁱⁱ.

Sentimentos, preocupações, afetos, frustrações, ambiente de aula, o que se fez, as atitudes, a proposta de ações ou perspectivas alternativas, são inseridos na memória. É com a escrita que preservamos essas vivências e percepções dos fatos acontecidos ao longo dos anos. Então, podemos inferir que a experiência articula a ação, a interpretação e a representação do vivido (JOSSO, 2004).

Autores como Nóvoa (1992) postulam que a interpretação de escritas de professores pode oferecer uma nova perspectiva de análise para as pesquisas em Educação. Neste sentido, este estudo volta-se para um momento posterior à escrita de diários propostos na formação com o intuito de mostrar os aspectos relevantes destacados na escrita reflexiva das experiências.

Assim, como síntese das considerações, a discussão sobre os diários, realizados ou não, foi apresentada num exercício de pensar sobre e a partir desses. Conforme reflexão após a discussão sobre a escrita de diários, ilustramos esta discussão com a intenção de pensar sobre a importância atribuída ao diário.

Ao tratarmos *da importância do diário na formação*, um dos participantes do estudo entendeu o diário como a possibilidade de organizar o pensamento e de dialogar com o registro, em

consonância com o próprio *eu* nas vozes que constitui o ser que o constituía a partir da reflexão. Ele considera o desafio da escrita com intensidade e prazer e concede tempo à produção.

Constato que nunca finda um pensamento no diário, pois envolve trazer à memória as pessoas, a vida e a aprendizagem docente [...] Sou aquela que se move no diário de aula, que tece versos que parecem tão completos enquanto nas entrelinhas se esvaziam. Com base no texto do dia, envolvo-me neste diário. (Jerusa)

Considerando a narrativa deste participante^{iv}, é possível destacar que, ao fazer diários, o mesmo admite que se envolve na escrita e olha para si, analisando a própria escrita. Nessas considerações, há uma perspectiva da busca do diálogo com o outro^v, que não é apenas o *eu*, o qual contempla anseios e buscas com o olhar para as *verdades* que se apresentam no universo acadêmico e social. Neste sentido, a prática reflexiva se dá no momento em que compreendemos as práticas como atividades de estudo que estão em constante mobilização e que promovem a autonomia do sujeito e o diálogo com o outro.

A escrita de diários é considerada, não somente como um dos instrumentos de registro das atividades de estudo desenvolvido por este participante, mas também como um instrumento de construção e mobilização da autonomia. No entanto, o envolvimento com a escrita do diário não aconteceu para todos os sujeitos do estudo e/ou não se fez presente para todos com a mesma intensidade.

As narrativas evidenciam sentimentos distintos no que tange à tessitura; logo há dificuldades sobre a escrita e o sentido dessa produção é particular para cada um dos participantes. A necessidade de pensar sobre a atividade não realizada está contemplada nas narrativas que seguem:

[...] o trabalho reflexivo sobre o não feito – o que aconteceu para que eu agisse dessa forma? (Joana)

Tornou-se difícil narrar sobre discussões nas quais não tenho elementos para contemplar. (Carlo)

Eles destacam e indagam a não realização da atividade do diário nos moldes que Jerusa revelara. Nesta perspectiva, o sentido atribuído pelo sujeito à escrita revela a intensidade das relações e da formação na pesquisa, além do entendimento de si.

Ao contemplarmos essas narrativas de estudantes, que também são docentes com suas dificuldades em atender a escrita, consideramos a reflexão proposta por Zabalza (1994, p.139). Para esse autor, “é de se esperar que não seja porque não temos nada a dizer, porque isso revelaria uma preocupante pobreza de espírito que é pouco compatível com a função docente”. A dificuldade de, no ato do registro, realizar o distanciamento e a reflexão consiste em uma situação que implica a retomada da atividade pedagógica e a reestruturação da atividade de estudo do aprendiz/professor.

Nesta perspectiva, uma questão que se coloca é que, ao se pensar sobre o que significa agir de um jeito e não de outro, acontece uma reflexão na formação do professor, o que lhe permite entender o significado das escolhas realizadas e relacioná-las, reorganizando, assim, suas próprias atividades e consolidando a construção de sua autonomia.

Apesar de o professor encontrar dificuldades para aceitar, ele deve encarar o fato e assumir que não há outra opção a não ser preparar-se para uma nova cultura docente e profissional. Ao tomar consciência da necessidade de reflexão, ele terá mais condições de participar de discussões e de estudos para interagir com o outro, entendido como um *outro* que não é o eu, mas que dialoga, relaciona-se e interage com o meu eu, enquanto eu o reconheço.

Numa análise mais centrada na identificação de fragmentos que contemplem o segundo tópico de discussão proposto neste texto, propomos identificar quais *dos significados e sentidos são produzidos durante a atividade formativa*. Destacamos fragmentos de narrativas de três dos quatro participantes. A narrativa nos permite identificar como os participantes foram percebendo a possibilidade da atividade de escrita. O real sentido deste processo é revelado nas falas que seguem:

Refletindo sobre e nesse diário, vejo-o como um exercício, um ensaio, uma prática criadora. Um exercício de memória, revisão e até de leituras que não fui capaz de me aprofundar e que, na oportunidade da escrita, fazem mais sentido. O diário, por ser um espaço e lugar de parada e

reflexão, consiste numa atividade de formação...
(Jerusa)

Penso que a atividade formativa, entendida como o trabalho realizado sobre si está relacionada com o que somos capazes de “olhar” e de fazer um balanço reflexivo. (Joana)

Ao longo do semestre a escrita no diário foi um grande desafio, sempre percebi a proposta como uma interação com o outro, este outro como alguém que colocava a possibilidade de me ouvir e aceitar as minhas reflexões. (Carlo)

Nesses discursos encontramos um entrecruzamento que contempla a discussão com ênfase na atividade de estudo formativa, em consonância com o outro, que é o diário no processo da formação. O diário apresenta-se como um instrumento balizador da atividade de estudo. Este, ao apresentar os registros/memórias, mobiliza o processo de reflexão e compreensão de novas necessidades as quais se tornam motivos para os sujeitos buscarem ações e operações para a efetivação/resolução desta ‘nova’ necessidade.

Neste sentido, o diário vincula-se a um instrumento de captura e retomada das atividades de estudo de professores. E a retomada dessas é recorrentemente vinculada a um espaço colaborativo^{vi}, de discussão e de reflexão com o outro que, no articular-se com si mesmo, constrói a consciência de si e a confirmação da autonomia do sujeito.

Neste sentido, Larrosa corrobora ao inferir que a força e o poder das palavras escritas fizeram “coisas conosco” e nos colocaram novamente “diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos” (LARROSA, 1999, p. 21). Portanto, um sujeito histórico, social, ideológico, é também linguagem. Somos sujeitos construídos na linguagem, construído pelo outro. Com base nos estudos de Bakhtin (2010), o sujeito tem um concepção de fala que não depende só de sua vontade, mas depende do outro (primeiro é o outro com quem fala; depois o outro, ideológico porque é construído por outros discursos do contexto) e, ao mesmo tempo, o sujeito é corpo (são os ditos/as vozes que o constituem).

Para os participantes da pesquisa, também a busca de aperfeiçoamento na formação direciona sua trajetória a fim de ajudar nos questionamentos sobre a prática profissional. A

mudança acontece a partir do momento em que eles percebem a necessidade de mudar e, o diário reflexivo pode contribuir para esta percepção. A atividade narrativa permite o desenvolvimento profissional e a compreensão da cultura escolar/universitária. Neste sentido, destacamos um fragmento nas narrativas de Joana e Carlo:

Percebo que ao longo de minha trajetória fui desenvolvendo diferentes ferramentas de aprendizagem. Não foram sempre as mesmas. Há um tempo, a confiança que tenho hoje em meu potencial de aprendizagem não se fazia presente. .
(Joana)

[...] entrei em conflito e precisei buscar um lugar para ampliar meus conhecimentos, pois meu saber fazer estava em oposição aos conhecimentos científicos que acreditava até aquele momento.
(Carlo)

Percebe-se que as trocas de experiência entre sujeitos de um grupo voltados para a própria aprendizagem implicam a investigação em si e no envolvimento com a reflexão individual e em grupo. A prática reflexiva parte da sala de aula, passando pelas pessoas que trabalham na escola e chegando ao contexto onde se vive. Alguns conflitos são observados e a questão da falta de tempo para a realização das atividades na Pós-graduação fica explícita na fala que segue:

Cada indivíduo tem seu ritmo próprio que deve ser respeitado. O desenvolvimento da pesquisa, por sua vez, tem seu ritmo particular [...] Essas coisas influenciam diretamente no desempenho satisfatório que espero para mim, frente às atividades propostas pela disciplina. Tempo para meu aprendizado, tempo para meu ritmo de aprendizagem; penso que todos nós temos esse direito, mas que o frenético ritmo da academia não nos proporciona a contento. (Pedro)

O significado atribuído por Pedro, no que tange à tessitura do diário, é destacado por Zabalza (1994, p.139) quando versa que “para muitas pessoas se transformou num sacrifício, tanto pela falta de técnica básica para fazê-lo como pela falta de tempo disponível”. Pensamos que a possibilidade de produção de diários como um espaço para a reflexão coletiva sobre a prática, além de ser uma etapa de trocas, é também um momento de formação, pois contribui significativamente, principalmente nesta etapa de formação, para que ampliemos o nível de reflexão.

A inquietação por novos conhecimentos se faz presente, ao analisarmos a narrativa que segue, quando Jerusa versa sobre a prática em sala de aula e o exercício da docência.

Percebi que o espaço da sala de aula se tornou um lugar de reflexão sobre minha própria trajetória docente, assinalando questionamentos entre a prática como professora na escola básica, professora no ensino superior. (Jerusa)

O processo de transformação pessoal e profissional está correlacionado com a aprendizagem que está contextualizada, compartilhada e reflexiva, a partir de um pressuposto primeiro, de que há um processo dialético e sociocultural. De acordo com Telles (2002, p. 16), são necessários “espaços para a criação de oportunidades para professores e professoras recuperarem, reconstruírem e representarem os significados de suas experiências pessoais, pedagógicas e linguísticas”. Bakhtin (2010, p. 312) corrobora com esta abordagem, inferindo que “o homem em sua especificidade sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, ele cria texto (ainda que potencial)”.

Nesta perspectiva, Porlán e Martín (1997) destacam que são as experiências vivenciadas que possibilitam uma proposta de compartilhamento das necessidades formativas até a superação das dificuldades. O modo como reorganizamos nossas atividades de estudo formativa está estreitamente relacionado ao desejo de compreender os significados produzidos na reflexão, mobilizadas pelas buscas de compreensão das próprias atitudes. Tentamos assim, ao considerar os diários, olhar para o caminho percorrido pelos participantes deste estudo e problematizar as possibilidades de reorganização de suas atividades de estudo.

Neste movimento reflexivo, os processos pessoais, interpessoais e culturais são constituintes do processo de transformação, de desenvolvimento profissional. Este, segundo Pimenta e Anastasiou (2005, p. 263), “envolve formação inicial e continuada, articulada a um processo de valorização identitária e profissional”. É na interlocução individual e grupal que o docente modifica-se, reestrutura-se a partir da sua constituição e de seu desenvolvimento pessoal e profissional, desenvolvendo com isso saberes que se consolidam nesta interlocução. Temos então, que todo o conhecimento é construído inicialmente entre pessoas, por meio da linguagem, como interação social para depois ser internalizado, tornando-se intrapessoal (VYGOTSKI, 1994).

Assim, a construção coletiva, o trabalho e as preocupações com o *outro* são perspectivas de construção colaborativa que o diário, embora seja uma escrita individual, repercute no transformar do sujeito docente o qual transformará, a partir de suas atividades de estudo, o ambiente em que se encontra.

Os fatos trazidos nas narrativas são uma tentativa de compreender que o processo de interação está na linguagem, numa ampla dimensão: dialética, dinâmica, viva, permeada de sentidos e nas relações que são sociais e culturais. Partindo dessa produção de significado, concordamos com Pimenta e Anastasiou quando inferem que as narrativas, como meio de investigação da prática são desafios e possibilidades metodológicas na preparação pedagógica dos docentes universitários (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005).

Para Bakhtin (2010), o sujeito assume sua significação no contexto em que se encontra a partir das relações estabelecidas com os outros. Ele se constitui e é constituído na complexidade cultural, em constante movimento e processo de resignificação. Para este mesmo autor, o enunciado é a unidade da comunicação verbal que permite tratar a linguagem como movimento de interlocução. Não tem como falar de um receptor passivo, pois enunciação exige uma atitude responsiva ativa a ser tomada pelo interlocutor.

Essa perspectiva diz respeito à capacidade do interlocutor de proporcionar ativamente uma resposta, ou réplica, ao enunciado de quem o interpela. Um enunciado é um ato de linguagem que permite e demanda que um *outro* realize uma apreciação valorativa com relação àquilo que falamos ou escrevemos.

Na interação com as vozes dos sujeitos desta pesquisa, acreditamos que foi possível compreender como os estudantes/professores dialogam com o diário, as dificuldades,

enfrentamentos e direcionamentos alicerçados por estes em seu processo de uma escrita reflexiva das experiências.

Assim, os escritos consistem no meio pelo qual tecemos a compreensão almejada neste estudo e nos possibilitam apresentar apontamentos referentes à prática ou não da escrita de diários e a reflexão sobre esta atividade de estudo, bem como quais contribuições acerca da formação poderão de fato acontecer.

Dimensões conclusivas

Neste texto reflexivo, buscamos compreender como os estudantes/professores que participaram da pesquisa dialogam com o diário, considerando sua dimensão reflexiva. Com o intuito de promover um momento de pensar sobre o diário produzido ou não, sobre as atividades de estudo formativas, buscamos olhar o relato de cada um dos estudantes/professores acerca da escrita do diário.

O diário é apresentado como um instrumento de registro utilizado pelo estudante para anotar as reflexões desenvolvidas após cada tempo de aula e/ ou prática pedagógica. Esses registros devem expressar a tomada de consciência daquilo que se aprendeu/ensinou, possibilitando àquele que escreve o acompanhamento e a reflexão sobre sua atividade de estudo formativa.

Assim, a ideia do diário reflexivo se justifica como ferramenta de formação continuada visto que, nesta formação, o diário, com seu caráter confidencial, pode ser considerado, ainda, como um estímulo para que o estudante/professor registre de forma mais espontânea seus pensamentos e sentimentos sobre o vivido, construindo e consolidando sua autonomia na elaboração de suas atividades de estudo.

Com isso, observamos que foi possível fazer uma leitura dos sentidos e significados conferidos à reflexão da trajetória de produção de diários, seja ele realizado pelo sujeito estudante, ou pelo sujeito professor, estabelecendo um diálogo num entrecruzamento de emoções, vivências e atitudes que produzem sentido e significado nos nossos percursos formativos e de atuação profissional.

Temos o entendimento de que os processos de formação e de formação continuada de professores se desenham na relação entre

os caminhos de formação e autoformação, nas suas experiências de vida e na trajetória pessoal e profissional. Numa dimensão conclusiva, esses escritos consistem no meio pelo qual tecemos a compreensão almejada neste estudo e refletimos com eles sobre a pertinência do diário como proposta e prática de formação.

Foi possível compreender que, na maneira com que cada estudante/professor se construiu e dialogou com os contextos da escola/universidade, nenhum deles deixou de ser um aprendiz no espaço da Pós-graduação. Nós, nesta oportunidade de produção acadêmica, dialogamos motivadas pelas narrativas, compartilhando com sensibilidade dos sentidos e significados.

Assim, a escrita diária apresenta-se como um instrumento que leva à tomada de consciência das aprendizagens e dificuldades, condição essencial para o desenvolvimento das atividades de estudo. No entanto, podemos inferir também, que esta escrita diária toma sentido para o estudante/professor na medida em que, a partir de seu discurso, ela é externalizada, compartilhada e, com isso, mobiliza o processo de processo de formação deste estudante/docente.

Referências

- AZEVEDO, N. S. N. *Imaginário e Educação: reflexões teóricas e aplicações*. Campinas, SP: Alínea, 2006.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. Editora Hucitec: São Paulo, 1986.
- BAKHTIN, M. A *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DAVÍDOV, V.; MÁRKOVA, A. El desarrollo del pensamiento em la edad escolar. In: DAVÍDOV, V; SHUARE, M. (Orgs.) *La psicologia evolutiva y pedagógica em la URSS*. Moscou: Progreso, 1987, p. 173-193.
- HENRIQUES, E. M. O imaginário e a formação do professor: contribuições sobre o processo de significação. In: AZEVEDO, N. S. N. *Imaginário e Educação: reflexões teóricas e aplicações*. Campinas, SP: Alínea, 2006.

- JOSSO, M. C. *Histórias de Vida e Formação*. São Paulo, Cortez, 2004.
- LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- NÓVOA, A. Os Professores e as Histórias da sua Vida. In: NÓVOA, A. *Vidas de Professores*. Portugal: Porto Editora, 1992.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. (Org.) *Docência no Ensino Superior*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- PORLÁN, R.; MARTÍN, J. *El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula*. Sevilla: Díada, 1997.
- TELLES, J. A. A trajetória narrativa: histórias sobre a prática pedagógica e a formação do professor de línguas. GIMENEZ, T. (org). *Trajetórias na formação de professores de línguas*. Londrina: Ed. UEL, 2002.
- ZABALZA, M. *Diários de aula*. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora, 1994.
- VYGOTSKI, L. *A formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ⁱ Entendemos que o diário não é, necessariamente um escrito diário, mas sim uma reflexão referente às experiências vividas pelo sujeito em algum momento anterior à escrita, podendo ou não ser diária.

ⁱⁱ A autoavaliação é um dos três importantes elementos que compõem a **atividade de estudo**, que são: a compreensão do estudante sobre a(s) tarefa(s) de estudo a serem realizadas; a operacionalização, pelos estudantes, das ações a serem efetivadas durante o processo de *atividade de estudo*; e, por fim, a autoavaliação (DAVÍDOV e MÁRKOVA, 1987).

ⁱⁱⁱ Atividade de estudo aqui é referendada com base em Davidov e Markóva (1987), ou seja, a atividade de estudo é entendida como uma atividade que, durante seu desenvolvimento, promove e dá condições para que esta adquira um sentido pessoal e se converta na fonte de autodesenvolvimento do sujeito de forma a incluí-lo na prática social. De forma bastante simplificada, a atividade de estudo consolida-se na transformação do sujeito.

^{iv} Faremos inferências aos participantes deste estudo no corpo do texto, apresentando suas falas com nomes aleatórios, sem a preocupação de ocultar ou destacar um ou outro discurso, somente como organização dos relatos para a breve análise pertinente neste estudo. Vale salientar que todos são professores em formação continuada em nível de Pós-graduação em Educação em uma universidade pública no Sul do Brasil.

^v Dizer que o inconsciente é esse discurso do Outro é entendê-lo como um depósito de aspirações, desejos, investimentos, expectativas, enfim, significações do qual o sujeito foi alvo antes mesmo de sua concepção por parte dos que o geraram e o criaram.(HENRIQUES, 2006, p. 63).

^{vi} Entendemos este espaço colaborativo como sendo as parcerias que os professores constroem com seus pares consolidando assim, espaços de formação e apoio mútuo os quais contribuem para o compreensão das necessidades e a busca de atividades formativas que ampliem suas possibilidades de autonomia em seu trabalho pedagógico.